

O *Mashal* rabínico (parábola rabínica): comparação ou metáfora?

Pascal Jean André Roger Peuzé

Resumo

O *mashal* rabínico (parábola rabínica) foi considerado durante séculos como uma simples comparação destinada a ilustrar os ensinamentos dos Sábios de Israel. Porém, nas últimas décadas, os estudos sobre a linguagem revolucionaram a abordagem deste gênero literário e afinaram a nossa compreensão sobre a sua natureza e função. Longe de ser meramente uma comparação, ele apresenta-se como uma metáfora desenvolvida – metáfora viva – com um alto potencial hermenêutico. É por esta razão que os Sábios multiplicaram o uso das parábolas a fim de perscrutarem a Torá. Este artigo, tomando por base um exemplo extraído da *Mishná* (*Mishná Sukká* 2,9), pretende mostrar a especificidade do *mashal* rabínico.

Palavras-chave:

Parábola; metáfora; comparação; *mishná*; literatura rabínica.

O termo hebraico *mashal*, traduzido comumente por “parábola” provém da raiz *m.sh.l.*, que significa:

- 1) comparar;
- 2) contar um *mashal*, uma parábola;
- 3) governar.

Nota-se que as duas primeiras acepções podem derivar da raiz protossemitica *m.š.l.*, ao passo que a terceira acepção remeteria a uma raiz protossemitica diferente: *m.sh.l.* As evoluções fonéticas que intervieram entre o protossemitico e o hebraico bíblico ocultaram esta dupla origem, deixando na superfície da língua um só termo: *mashal* (KOEHLER; BAUMGARTNER, 1974, vol. 2, verbete “mashal”).

O termo grego utilizado na Septuaginta para traduzir *mashal* é geralmente *parabolē*, formado pelo prefixo *para* = ao lado de e pelo verbo *ballein* = jogar. O verbo *paraballein* significa literalmente “jogar ao lado de”. A parábola seria então um discurso “jogado ao lado” de outra coisa, por assim

dizer um discurso desviado, afirmando algo, mas visando a uma outra realidade.

Essa primeira abordagem etimológica da figura literária *mashal* parece duma aplicabilidade limitada, quando nos deparamos com as 39 ocorrências do termo na Bíblia hebraica. De fato, a expressão denota uma polissemia certa que impede uma redução ao sentido etimológico. Segundo as narrativas e os contextos, o termo pode (deve?) ser entendido como:

- provérbio (Ez 18, 1-4 e o livro dos Provérbios, por exemplo)
- fábula (Dt 28,37; 1R 9,7)
- discurso profético (Jr 24)
- exemplo (Sl 44,15)
- parábola (2Sm 11-12)
- poema-oráculo (Nb 23,7)
- sentença moral e/ou enigmática (Sl 78,2)
- sátira (Hab 2,6)
- alegoria (Ez 17,2).

Percebe-se nesta lista um leque de interpretações possíveis para o termo *mashal*. Esta polissemia reflete-se igualmente na literatura hebraica pós-bíblica, que são os quatro evangelhos. Citamos, a título de exemplo:

- o provérbio em Lc 4,23: “Médico, cura-te a ti mesmo”
- uma “comparação” (?) em Lc 13,18-19: “a que é comparável o Reino de Deus? [...] Ele é comparável a um grão de mostarda...”.

Porém, a maioria dos relatos evangélicos chamados “parábolas” pertence ao veio das parábolas rabínicas conhecidas na literatura de *Hazal*¹ (*Mishná*, Talmud da Babilônia e de Jerusalém, *Midrashim* e outras coletâneas).

Na literatura rabínica, as parábolas chegam a centenas, ao passo que a Bíblia hebraica não traz senão algumas dezenas. Isso nos indica o quanto os Sábios privilegiaram este meio literário. Uma das razões reside no fato de eles não considerarem o *mashal* como uma simples comparação, mas sim como um poderoso meio de questionamento.

¹ *Hazal*: acrônimo de *Hakhamenu Zikhronam Livrakhá* = nossos Mestres, de memória abençoada.

Consideramos a diferença de natureza entre a comparação e a metáfora. Dizer que “Aquiles é corajoso como um leão” é uma comparação, cuja função é de esclarecer um dos seus termos (a coragem de Aquiles), pela relação explícita estabelecida com o outro termo, a coragem do leão (RICOEUR, 2000, p.42-49). É suposto que tenhamos uma ideia mais nítida da coragem do leão e, por isso, a comparação convida o ouvinte / leitor a transferir este conhecimento ao outro termo, Aquiles neste caso. Nota-se que a comparação não requer uma explicação e que a transferência de um termo para o outro deve ser facilitada pela própria comparação.

A figura literária “Aquiles é um leão” deixa de ser uma mera comparação para tornar-se metáfora. Observemos que a analogia não é mais explícita: não se sabe qual elemento transferir de um termo para outro. A coragem? A ferocidade do leão? Ambas? E que figura de Aquiles resulta desta transferência? Ao contrário da comparação, a metáfora acentua um questionamento e requer uma interpretação.

“Interpretar” é a palavra-chave que percorre toda a literatura rabínica. O seguinte exemplo, tirado da *Mishná*, tratado *Sukkáh* (2,9), permitirá perceber o quanto os Sábios souberam utilizar os recursos da parábola a fim de questionar e interpretar.

Durante os sete dias (da Festa de *Sukkót*), o homem deve fazer de sua *Sukkáh* (tenda, cabana) sua habitação principal e de sua casa uma morada provisória. Se cai a chuva, a partir de qual momento é permitido deixar (a *Sukkáh*)? Quando um prato de mingau estragou (por causa da chuva). Contou-se um *mashal* (parábola): a que pode ser comparado? A um escravo que vem encher a taça do seu mestre, ele (o mestre) virou o jarro na sua cara.

O mandamento da Festa das Tendas baseia-se em Lv 23,33-34.42-44: os filhos de Israel têm como obrigação construir uma tenda (morada provisória) ao lado da sua habitação principal. Este mandamento quer lembrar a travessia do deserto pelo povo e a sua dependência total para com o seu Deus, simbolizada pelo caráter precário da tenda: ela está coberta de folhagem, pela

qual é possível ver o céu. É obrigação tomar as refeições na tenda durante sete dias, a não ser que as intempéries o impeçam.

A primeira parte da *Mishná* – i.e. até “estragou” (por causa da chuva) – é de cunho *halákhico*, pois trata do cumprimento do mandamento. Por esta razão, a *Mishná* explicita o que é permitido fazer em caso de chuva: é permitido deixar a *Sukkáh* conforme o critério indicado. Não obstante, o mandamento não deixou de ser cumprido, pois a própria *Mishná* determina o que é obrigatório e o que é permitido. Esta primeira parte forma uma unidade literária em si, independente e autossuficiente (do ponto de vista da *Halakhá*).

A segunda parte, composta pela parábola, constitui um adendo à parte *halákhica*. Qual é sua função?

A passagem para a parábola se faz pela fórmula consagrada “*Ħma há-davar dome?*”, “a que isto pode ser comparado?”, “a que isto é semelhante?”. O próprio termo *dome* leva a entender que a parábola é uma comparação. Se fosse esse o caso, o *mashal* operaria uma transferência de tipo ilustrativo sobre a primeira parte *halákhica* da *Mishná*. Ele teria essencialmente uma função retórica, substituiria uma maneira de falar por outra. Ora, a parábola faz muito mais do que ilustrar a *Mishná*: ela (quase...) a derruba!

A fim de perceber a força desta parábola, é necessário dar-se conta da natureza profunda da metáfora. Segundo os trabalhos de Paul Ricoeur e outros teóricos da linguagem, a metáfora, esteja ela no nível de uma expressão, de uma frase ou de uma passagem inteira, é intrinsecamente inovação. “Compreender é então fazer ou refazer a operação discursiva portadora de inovação semântica” (RICOEUR, 19-, p.22). Esta inovação própria da metáfora é criada pela tensão e pela torção operadas sobre as palavras e os elementos do discurso, as quais resultam numa predicação estranha e bizarra.

A parábola da nossa *Mishná* é decerto estranha! Essa extravagância típica é o convite da parábola-metáfora para “com-preender” a nova realidade criada, essa “transfiguração do real que conhecemos na ficção poética” (RICOEUR, 19-, p.91). Por isso, as duas unidades literárias devem ser colocadas em contato. Em outros termos: o *mashal* remete ao *nimshal*, a parábola à realidade “parabolizada”.

O escravo do *mashal* não fez senão o seu dever, porém o seu mestre rejeitou o cumprimento deste dever, virando o jarro d’água na cara do escravo.

Da mesma forma, aquele que cumpre o mandamento da *Sukkáh* não faz senão o seu dever. Porém, o seu mestre (Deus) rejeita o cumprimento deste mandamento, deste dever, derramando chuva em cima da *Sukkáh*, de modo que se é obrigado a deixá-la.

Enquanto a unidade *halákhica* da *Mishná* situa-se no nível do dever / permitir e garante que o mandamento seja cumprido, mesmo que se tenha que deixar a *Sukkáh*, a parábola – a parte agádica da *mishná* neste caso, em contraposição à parte *halákhica* – questiona esse posicionamento de maneira magistral. A chuva, diz a reflexão agádica, não é um fenômeno atmosférico qualquer. Ela expressa a vontade de Deus, que rejeita o cumprimento do mandamento. Da mesma forma que o escravo da parábola não pode deixar de questionar a razão do gesto aparentemente estranho do seu mestre, quem cumpre o mandamento precisa se questionar sobre o porquê da chuva que permite / obriga a deixar a *Sukkáh*.

A parábola – tão estranha e incompreensível à primeira vista – demonstra este poder hermenêutico fantástico de questionar, até a raiz, o cumprimento da *halakhá*, e, de uma certa forma, de ir além da *halakhá*. A faculdade de renascimento e desvelamento das parábolas é ligada a sua natureza de metáfora viva, criadora. É por isso que os Sábios de *Hazal* privilegiaram tanto o *mashal*: este humilde instrumento literário permite um perscrutar constante da vida e da Torá a fim de que ambas sejam realidade viva e criadora.

Bibliografia:

Bíblia Hebraica Stuttgartensia. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1967.

Bíblia, Tradução ecumênica. São Paulo: Loyola; Paulinas, 1995.

FRAENKEL, Jonah. *Darkhe ha-Aggada ve-ha-Midrash [Os métodos da Aggada e do Midrash]*. Givatayim: Massada, 1991.

KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. *Hebräisches und aramäisches Lexikon zum Alten Testament*. Leiden: E.J. Brill, 1974.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.

RICOEUR, Paul. *Do texto à acção: ensaios de hermenêutica II*. Porto: Rés, 19--.

Shisha Sidrei Mishna (comentados por Hanokh ALBECK). Jerusalém: Dvir, 1988.